

**XXX – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação
INTERCOM 2007 – Santos - SP**

Elisete Duarte Baião¹
Profa. da Universidade Cruzeiro do Sul

As imagens fotográficas como extensão da memória biológica humana.

Resumo

A fotografia é descrita por muitos pesquisadores como um registro documental histórico. É uma lembrança estática de um evento em um tempo e um espaço congelados pela câmera fotográfica. O que se propõe neste trabalho é a apresentação de um texto experimental, relacionando-se o ato de fotografar como uma extensão da memória biológica humana, tendo como referência a obra “Os meios de comunicação como extensão do homem” de Marshall McLuhan.

Palavras-chave

Fotografia; memória biológica; digital; extensão.

A fotografia: uma invenção para os olhos

Observar, em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho, que projeta sua sombra sobre nós, até que o instante ou a hora participem da sua manifestação, significa respirar a aura dessa montanha, desse galho. Mas fazer as coisas se aproximarem de nós, ou antes, das massas, é uma tendência tão apaixonada do homem contemporâneo quanto a superação do caráter único das coisas, em cada situação, através da sua reprodução. (Benjamin, 1994, p.101)

A fotografia foi a primeira invenção tecnológica do século XIX a interferir nas percepções humanas, principalmente na visual. No início, seu uso era limitado e os registros eram feitos por profissionais que dominavam o uso dos equipamentos fotográficos e também os processos químicos utilizados para a revelação. As máquinas eram relativamente grandes e somente se popularizaram à medida que a tecnologia reduziu preços e tamanhos, tornando possível a sua incorporação à vida cotidiana.

¹ Professora do curso de Comunicação Social da Universidade Cruzeiro do Sul, Relações Públicas e mestranda em Comunicação na Contemporaneidade, na Faculdade Cásper Líbero.

Esse é o principal trunfo da fotografia, uma invenção assimilada pelos seus usuários por terem encontrado nela uma utilidade que não poderia ser reproduzida ou realizada por outro equipamento.

Diz-se com frequência que são os pintores que inventaram a Fotografia (transmitindo-lhe o enquadramento, a perspectiva albertiniana e a óptica da câmera obscura). Digo: não, são os químicos. Pois o noema “Isso foi” só foi possível a partir do dia em que uma circunstância científica (a descoberta da sensibilidade dos sais de prata à luz) permitiu captar e imprimir diretamente os raios luminosos emitidos por um objeto diversamente iluminado. (Barthes, 1984, p.121)

A fotografia ganhou status de descoberta científica ao ser patenteada pela Academia de Ciências e Belas Artes de Paris, no dia 19 de agosto de 1839, após um longo período em que vários cientistas e pesquisadores tentavam fixar as imagens da câmera *obscura*, que já se faziam conhecidas desde Leonardo da Vinci. Por aproximadamente cinco anos, os pesquisadores Louis Jaques Mande Daguerre e Nícephone Niépce trabalharam até que conseguiram o resultado – fixar as imagens na câmera. Em função das dificuldades encontradas pelos pesquisadores, o Estado patenteou a descoberta colocando-a em domínio público. Segundo se tem notícia, Niépce já havia conseguido o feito desde 1826, ou seja, treze anos antes, porém não teve condições de registrar todas as etapas da descoberta e tampouco repetir a experiência. Quando, finalmente, Daguerre conseguiu registrar todos os passos e repetir inúmeras vezes a experiência, Niépce já havia morrido.

Portanto, muitos estudiosos creditam a Daguerre o reconhecimento da técnica fotográfica. Cabe lembrar, no entanto, que se o Estado patenteou a invenção e deu condições para o seu desenvolvimento, no entanto, não colaborou para que qualquer investigação retrospectiva fosse realizada.

Os equipamentos utilizados por Daguerre continham placas de prata que precisavam ser manipuladas no iodo para que pudessem projetar as imagens. As peças eram únicas na maioria das vezes, guardadas em estojos semelhantes aos utilizados para acondicionar jóias. Num primeiro momento, a fotografia obteve uma aura de arte, posteriormente, vários pintores a utilizaram como recurso técnico.

Memórias materiais fotográficas²

² O termo *memórias materiais fotográficas*, criado pela autora, será utilizado como referência para uma memória externa, uma extensão da memória biológica humana ampliada pelo material fotográfico impresso ou virtual.

A fotografia, desde o seu início, esteve relacionada à memória social, seja ela privada ou pública. A lembrança estática de um evento em um tempo e um espaço, congelados pela ação da câmera, permite reviver, em um outro momento, detalhes do fato acontecido. Para Benjamin (1994, p. 91) a fotografia produz algo de *estranho* e de *novo*. Segundo o autor, a fotografia preserva algo que não se produz pela pintura, ou seja, *algo que não se reduz ao gênio artístico (...) algo que não pode ser silenciado, que reclama com insistência o nome daquele que viveu ali, que também na foto é real, e que não quer extinguir-se na arte. A memória estaria, desta maneira, preservada por tempo indeterminado.*

Fotografia é memória e com ela se confunde. O estatuto de recorte espacial/interrupção temporal da fotografia se vê rompido na mente do receptor em função da visibilidade e “verismo” dos conteúdos fotográficos. A reconstituição histórica de um tema dado, assim como a observação do indivíduo rememorando, através dos álbuns, suas próprias histórias de vida, constitui-se num fascinante exercício intelectual onde podemos detectar em que medida a realidade anda próxima da ficção. (Kossoy,1999,p.132)

O álbum de família aparece como referência da memória. Suas páginas contam, a partir das imagens, histórias privadas. São fotografias de viagens, casamentos, batizados, festas, passeios, somente momentos felizes. Mas as fotografias não “contam” toda a história, pois são recortes de eventos, fragmentos e nem sempre são apresentados de forma cronológica. É comum vermos fotografias espalhadas em caixas, fixadas em murais e muitas outras em porta-retratos.

Montar álbuns fotográficos tornou-se um hábito universal, um hábito aceito e que se repete nas mais diversas culturas. As histórias orais contadas por quem viveu uma experiência não são mais suficientes para garantir que o acontecimento não seja esquecido, é necessário guardá-lo na forma material, antes possível somente com as escritas das cartas, diários e livros. A fotografia como tecnologia passa a ser essencial para a manutenção da memória.

Um trabalho sobre álbuns de família foi realizado pela artista visual Rosangela Rennó. A artista adquiriu em um dos chamados “mercados de pulgas”, em Bruxelas, um conjunto de “slides”, era o início da coleção “memórias perdidas dos outros” e, após dez anos, as reuniu em seu livro Bibliotheca. São fotografias sem legendas, muitas apagadas, outras amareladas pelo tempo. Não há nomes, descrições; são memórias que foram perdidas porque as fotografias não pertencem mais aos seus legítimos donos. Que importância tem essas memórias perdidas? Talvez algumas representem ou caracterizem um estilo de vida.

É possível identificar modelos de roupas usadas em décadas passadas, hábitos à mesa. Entretanto, acreditamos que, para a memória material fotográfica ser válida, é preciso reconhecê-la como necessária, é preciso ter uma relação afetiva, uma necessidade de recordação, a emoção por um fato vivido e, assim, mais uma memória é fixada. Caso contrário, serão dispensadas, igualmente aquele aspecto que teria a memória como destino.

Também, não se pode esquecer que existem outras memórias: as dos arquivos públicos, das pesquisas científicas, da publicidade, do jornalismo. Todos os segmentos da sociedade e do conhecimento adotaram a fotografia. Ela permite a comprovação dos fatos.

A fotografia não fala (forçosamente) daquilo que já não é mais, mas apenas e com certeza daquilo que foi. Essa sutileza é decisiva. Diante de uma foto, a consciência não toma necessariamente a via nostálgica da lembrança (quantas fotografias estão fora do tempo individual), mas sem relação a qualquer foto existente no mundo, a via da certeza : a essência da fotografia consiste em ratificar o que ela representa. (Barthes,1984,p.127)

Barthes dissertou sobre o tema em seu ensaio *A câmara clara*, afirmando que a fotografia é uma certificação de presença, de comprovação por ter se estado no local onde foi feita a foto. Não há como desmentir fatos registrados pela câmera fotográfica. Neste sentido, o jornalismo se apropriou dos recursos fotográficos para legitimar suas notícias. Porém, foi com a introdução da fotografia, inventada em 1839, que o meio de comunicação impresso ganhou maior credibilidade. Foi no "Daily Herald", de Nova York, em 1.880, que a fotografia se tornou a principal aliada do texto no aspecto veracidade. A identidade visual e o fotojornalismo atingem novos patamares com a introdução de sistemas modulares e da digitalização do processo de produção em um jornal diário.³

O apelo visual reforçava os textos, tornando-se, em alguns casos, mais importante do que a notícia. Os acervos das grandes empresas jornalísticas brasileiras são testemunhas dos principais eventos históricos ocorridos no país. Ainda vale citar a existência de fotografias que pertencem às empresas de energia elétrica, de água e gás. No início do século XX, em meio a tantas inovações que modificaram o modo de vida nas grandes cidades, foram feitas várias fotografias de bairros em transformação, uma decorrência da chegada de indústrias e do progresso.

³ Prof. Dr. Walter Teixeira, paper "A identidade visual e o fotojornalismo atingem novos patamares com a introdução de sistemas modulares e da digitação do processo de produção em um jornal diário" apresentado no GT de Jornalismo na Intercom 2006.

Como se conheceria e se teria em memória a cidade de São Paulo, a Avenida Paulista e a região central, sem o auxílio material das fotografias? Obviamente, não seria possível lembrar da construção da Catedral da Sé e do Viaduto do Chá, por exemplo. Se não se viveu naquela época, então é preciso ter um apoio em algo que forneça uma recordação, de preferência visual, logo, será mais fácil entender os acontecimentos.

Há uma diferença entre as memórias pessoais e memórias sociais. As fotografias da cidade podem estar sem as datas exatas dos registros e não se perderão no tempo, pois que se é público e pertence a todos e se pertence a todos não serão esquecidas.

É inútil imaginar se seria possível contar todas as fotografias feitas desde Daguerre até os dias atuais. Ter-se-ia o mesmo resultado do contar as estrelas. O volume de fotografias feitas cresceu à medida que as inovações nos equipamentos fotográficos foram intensificadas. Da folha de prata, ao vidro, do filme fotográfico – o utilizado por mais tempo - aos “pixel’s”, toda essa tecnologia, caminhou-se ao encontro das necessidades da aceleração do tempo, em seu respectivo período histórico. O ritmo frenético dos avanços tecnológicos fez da câmera mecânica analógica objeto do passado, embora tenha reinado absoluta por cerca de 160 anos.

As principais características da câmera foram mantidas, criadas a partir dos princípios que regem a física e a química. A câmera escura com uma lente já percorreu quase dois séculos e foi incorporada ao processo de produção do cinema, depois ao vídeo e, hoje, está nos celulares, em modelos pequenos, ainda mais rápidas e eficientes nos resultados. Fotografar e “desfotografar – apagar as imagens digitais - facilitou a vida dos usuários, que preferem manter as suas memórias preservadas e selecionadas. Os álbuns ganharam modernidade, não são mais privados, reservados somente para os encontros familiares e com os amigos, já estão espalhados no universo virtual da internet, nos “fotolog’s”, nos computadores, gravados em unidades de armazenamento digital, os “cd’s” e “pen-drives”. As memórias foram expandidas para outros campos. Entretanto, continuam sendo memórias.

Memória biológica humana

Neste trabalho experimental, ousou-se apresentar uma hipótese sobre a relação do homem com a fotografia. Acredita-se que a necessidade de fotografar advém da incapacidade humana de armazenar e registrar imagens com detalhes e de mantê-las em sua memória biológica. A câmera fotográfica e a fotografia seriam extensões da sua própria memória. O interesse pelo tema surgiu nas aulas da disciplina “Evolução Tecnológica na Comunicação Contemporânea”, ministradas pelo professor Walter Teixeira Lima Jr. no curso de mestrado

da Faculdade de Comunicação Cásper Líbero. Foi fundamental entender o processo de assimilação e apropriação das novas tecnologias e de como elas interagem com os cinco sentidos humanos. Mais fascinante foi a revelação da interdisciplinaridade do tema com áreas poucos exploradas, a neurociência, por exemplo. A abordagem não é nova, Marshall McLuhan foi o primeiro pesquisador na área da comunicação social a empregar o termo “*os meios de comunicação como extensão do corpo*”. Apesar de ter seus estudos mais amplos na área da televisão, também há referências no campo da fotografia. Ele próprio reconhece a colaboração de dois amigos, Harold Innis – historiador econômico e Teilhard de Chardin na formulação de sua principal teoria.

Como o próprio McLuhan se apressava em declarar, foi de dois livros publicados por Innis em 1950 e 1951, *Império e comunicações* e *O viés da comunicação*, que ele extraiu o conceito central do mcluhanismo: o de que qualquer grande novo meio de comunicação altera toda a perspectiva das pessoas que o usam. Innis insistia em que a imprensa, inventada no século XV por Johann Gutenberg, havia provocado a expansão do nacionalismo em oposição ao tribalismo, durante os quinhentos anos subsequentes. McLuhan publicou seu primeiro trabalho teórico importante, *A galáxia de Gutenberg*, em 1962, quando tinha cinquenta e um anos. Chamou-a de “uma nota de rodapé à obra de Haroldo Innis.”

De seu outro amigo, Pierre Teilhard de Chardin, um geólogo e paleontólogo a quem nunca se referiu de maneira explícita, um homem religioso, que dedicou parte da sua vida a explicar como a teoria darwiniana da evolução era o primeiro passo de Deus para a evolução do homem, McLuhan ouviu o que se chamaria de profecias, como a da tecnologia que estava criando um “*sistema nervoso para a humanidade*”.

Parafrazeando McLuhan, assim como se compara a roda à extensão do pé humano, e o eixo à uma extensão do braço, os meios de comunicação elétricos eram extensões do sistema nervoso central humano, e esses sistemas nervosos haveriam de fundir-se de maneira irresistível. Se McLuhan se apropriou de idéias dos seus amigos e as transformou em uma nova teoria, este trabalho busca nele a inspiração para a seguinte hipótese: os recursos tecnológicos digitais disponíveis potencializam o registro, o arquivamento e disponibilizam as imagens fotográficas, caracterizando-as como extensão da memória humana.

Nas várias leituras realizadas, diversos autores apontam a fotografia como documento histórico, memória social, memória familiar. Em matéria publicada sobre o trabalho do fotógrafo brasileiro German Lorca, no mês de dezembro de 2006, foram incluídas citações de dois estudiosos no assunto, o primeiro, Alfredo Bosi, que declarou: “*a memória resgata o tempo perdido em imagens*”; o segundo, Pierre Francastel (1900-1970), sociólogo e estudioso da imagem afirmou: “*A verdadeira imagem não está na obra, mas na memória.*”

A proposta deste artigo é, portanto, abordar o tema fotografia e sua relação com a memória biológica de forma diferenciada, assunto ainda pouco explorado pelos profissionais da comunicação, apesar de atualmente ser a neurociência um dos temas mais pesquisados pela comunidade acadêmica. Os pesquisadores da área médica estão mais familiarizados com a natureza temática e contribuem com os resultados de seus estudos, permitindo que suas reflexões sejam incluídas em outras áreas do conhecimento, já que transitam por todas. Entender como funciona o cérebro tem sido um dos maiores desafios da humanidade. Ao se avaliar o tempo da existência humana com o tempo dedicado à busca de respostas para os seus enigmas, seus bens mais preciosos, ver-se-á um longo caminho que foi e será percorrido.

A incapacidade humana de reter o volume de informações, que recebe diariamente, exige uma postura diferenciada de controle. Quanto mais se armazena informações, mais condições há para a adaptação às mudanças diárias. Por isso, existem os livros, para que se possa buscar as respostas e o conhecimento; os computadores, verdadeiros cérebros são inspirados na e para inteligência humana. Em função do modo de vida frenético, é preciso ganhar tempo e estar sempre munido de equipamentos que possibilitem a extensão do corpo: o carro, o telefone, o relógio, a câmera fotográfica. O uso desses equipamentos ocorre de forma automática e em alguns casos, não se tem consciência de que já fazem parte do próprio corpo.

O cérebro humano é um universo que está sendo descoberto e, ainda pouco é sabido sobre ele, mas o que se revela, hoje, é suficiente para entender que há nele o maior e mais complexo laboratório químico reconhecido pela ciência. Muitos são os hormônios, neurotransmissores e outras substâncias que possibilitam a realização de várias funções simultaneamente. Sobre a memória, parte integrante da massa encefálica, sabe-se que os registros das ações se tornarão lembranças quando estiverem relacionadas a determinados fatores: emocionais e/ou químicos. Portanto, o ato de fotografar, na maioria das vezes somente momentos felizes, teria uma explicação neurológica e não apenas antropológica. Guardar o evento na forma material é a garantia de sua suposta perpetuação. Estariam salvas, assim, as memórias que, como se defende, são registradas de maneira inconsciente.

As emoções influem diretamente nos registros da memória. O professor Ivan Izquierdo, pesquisador do Centro de Memória do Instituto de Pesquisas Biomédicas da PUC/RS, tem realizado uma série de pesquisas sobre a mente humana. O pesquisador ressalta, em um artigo publicado na revista MultiCiência, o tema “*A mente humana* em outubro de 2004”:

Como sabemos desde há anos, os sentimentos, as emoções e os estados de ânimo têm uma imensa influência sobre a memória, em muitos casos já bem delimitada e biologicamente previsível. As vias nervosas que registram e regulam os sentimentos e as emoções e os estados de ânimo atuam modulando, através de receptores, cadeias de enzimas específicas em várias regiões corticais, entre elas o hipocampo e demais áreas vinculadas à memória [...].

Entre as descobertas e dúvidas que ainda precisam ser esclarecidas, a certeza de que precisamos da memória para sobreviver.

Considerações finais

Há um longo caminho a ser percorrido e explorado, o cruzamento de informações acrescentará à cada uma das áreas : psicologia social , comunicação , neurociência e as tecnologias digitais , a ampliação do conhecimento que permite compreender de forma científica fenômenos as quais estão envolvidas direta ou indiretamente. A contribuição social do trabalho que terá continuidade como tema da dissertação de mestrado está em verificar se o usuário percebe a fotografia como um produto cultural que reforça, ao longo da sua vida, a memória do presente vivido e do passado, com o uso das tecnologias digitais.

A comunicação social precisa seguir caminhos alternativos para entender as mudanças que as novas tecnologias trazem. A neurociência também tem oferecido dados, informações preciosas sobre o desenvolvimento humano. Como McLuhan disse em sua última palestra realizada em 1979, na Universidade de York. Canadá: “*A tecnologia do homem é a coisa mais humana que se tem*”.

Bibliografia

BARTHES, R. A câmara clara. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, E. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

FLUSSER, V. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

HEDGECOE, J. O novo manual de fotografia Curso. São Paulo: SENAC, 2005.

KOSSOY, B. Realidades e ficções na trama fotográfica. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

_____. Fotografia & História. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LEITE, M.M. Retratos de família. São Paulo: EDUSP, 1993

LIMA Jr. W. T. A identidade visual e o fotojornalismo atingem novos patamares com a introdução de sistemas modulares e da digitação do processo de produção em um jornal diário, apresentado no GT de Jornalismo na Intercom 2006.

McLUHAN, M. Os meios de comunicação como extensão do homem. São Paulo: Cutrix, 1999.

McLUHAN, S.; STAINES, D. Mcluhan por Mcluhan – conferências e entrevistas. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

RENNÓ, Rosângela. Bibliotheca. Barcelona: Editorial Gustavo Gill, 2003.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez Editora, 2002.